

Prazer em conhecer ALDEIA DE MURATUBA



Realização:



inct
instituto nacional de
ciência e tecnologia



Ministério da
Ciência, Tecnologia
e Inovação



Apoio:



FORD FOUNDATION
Na linha de Frente das Mudanças Sociais

OS AUTORES 3

PRA COMEÇO DE CONVERSA 4

PASSO A PASSO 5

A RESEX-TAPAJÓS/ARAPIUNS 6

QUAL A IMPORTÂNCIA DA RESEX PARA MURATUBA?

LOCALIZAÇÃO 8

MAPAS DE MURATUBA 9

UM POUCO DE NOSSA HISTÓRIA 12

A VIDA COMO ELA É 15

UM POUCO DE CULTURA 17

LENDAS 18

GLOSSÁRIO 19

FICHA TÉCNICA 19

**Prazer em Conhecer
ALDEIA DE MURATUBA**

CEAPS - PROJETO SAÚDE E ALEGRIA

Centro de Estudos Avançados de Promoção Social e Ambiental
Av. Mendonça Furtado, 3979 • Fone 55-93-3067 8000
Santarém, Pará • CEP 68040-050
www.saudeealegria.org.br • www.redemocoronga.org.br
psa@saudeealegria.org

Santarém - Pará - Brasil / 2012



Os autores

A autoria deste trabalho deve ser atribuída principalmente aos comunitários de Muratuba, que, reunidos, se dedicaram a construir com esmero uma história, uma cartografia da memória, uma vez que os dados sobre as comunidades são escassos. Com a participação de um povo dotado de uma riqueza cultural peculiar, em que homens, mulheres, crianças, jovens e adultos foram convidados a colaborar, respeitando o preceito que todos são professores e alunos ao mesmo tempo.

“Antigamente, quando não havia escola, todos ensinavam, aprendiam, trabalhavam e se amavam, enfim, uma comunidade de aprendizagem livre, honesta, ética e, acima de tudo, cidadã.”

Esta publicação é resultado de uma fotografia da comunidade colhida em outubro de 2012, realizada com uma metodologia própria, criada a partir dos encontros e das visitas às comunidades, somada à experiência do mapeamento cartográfico participativo socioambiental. Estiveram presentes no levantamento os comunitários que estão na lista de presença ao final apresentada, com o objetivo de levantar Informações para construir coletivamente a Cartilha Prazer em Conhecer.

Essa maneira participativa foi escolhida para garantir a sistematização de conhecimentos que se fundam na oralidade e na valorizam das riquezas do patrimônio material, cultural e do imaginário dos povos tradicionais da floresta, com vistas à sua disseminação junto às escolas, movimentos sociais e ambientais e para quem, de modo geral, se preocupa com os povos da floresta.

Os dados gerais e socioeconômicos foram inseridos para enriquecer o conhecimento e fornecer indicadores quantitativos para futuros diagnósticos. Enfim, mais um instrumento para mostrar que ***“debaixo da floresta da gente tem gente”***, e gente que luta pela floresta em pé.

“O mundo não é, o mundo está sendo.”
(Paulo Freire)





Pra começo de conversa

Respaldar as Unidades Territoriais ocupadas por comunidades tradicionais é um dos principais objetivos das atividades do Projeto Saúde e Alegria na região amazônica. Entendendo o território como espaço marcado não apenas pelas dimensões geográficas, mas também pelas relações humanas, econômicas e culturais, o reconhecimento e a apropriação popular dos territórios em que se vive é um dos passos fundamentais para o exercício da cidadania.

Geralmente há pouca informação em linguagem simples disponível para uso público sobre a realidade das comunidades que vivem em Unidades de Conservação, assentamentos e florestas. O conhecimento que está na “memória popular” sobre as comunidades que habitam esses territórios precisa ser valorizado e sistematizado para ajudar na compreensão das formas de viver a vida na floresta, seus atrativos, potenciais e desafios.

Com intuito de obter uma visão do conjunto da realidade territorial local, o Projeto Saúde e Alegria, em parceria com a Fundação Konrad Adenauer e a Fundação Ford, vem realizando um trabalho de documentação e divulgação denominado **“PRAZER EM CONHECER”**.

Trata-se de uma coleção de cartilhas que retratam as comunidades da maior Unidade de Conservação de uso sustentável do Município de Santarém: A Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns. A proposta é a ampliação do conhecimento sobre a floresta e seus moradores, contribuindo para o exercício da cidadania e para o aprimoramento da capacidade de gestão das populações tradicionais sobre seus recursos, estimulando o seu desenvolvimento de forma sustentável.

Esta cartilha mostra a Aldeia de Muratuba, onde os moradores buscam sua autoafirmação como população indígena. Um povo rico em cultura, no qual a herança do passado se soma aos novos tempos e desafia a manter sua identidade cultural. A publicação reúne também informações de Vista Alegre, localizada no entorno de Muratuba. Elaborada a partir de informações coletadas em processos de mapeamento socioambiental participativo, é um retrato atual da realidade desta comunidade contada pelos próprios moradores de Muratuba.



Passo a passo



O processo de mapeamento participativo utiliza a “memória” da comunidade como principal subsídio, como também associa técnicas de cartografia para que o conhecimento dos comunitários sobre seu território possa se tornar também um conhecimento sistematizado. Muitas vezes os mapas cartográficos participativos oferecem uma contraposição à visão oficial de muitas organizações sobre determinado território. Ao trabalharmos baseados no conhecimento que as populações têm de suas comunidades, corremos menores riscos de cometer equívocos de observação e diagnósticos da realidade local.

Nas visitas da nossa equipe às comunidades, complementamos, revisamos e validamos os mapas e as informações. Para essa abordagem, utilizamos o método **ANDRAGÓGICO**, que valoriza as experiências e os conhecimentos anteriores sobre os temas tratados, realiza análise conjunta dos conteúdos, verificando qual a representação que o grupo tem do cotidiano, propiciando a oportunidade de falar-se a “mesma língua” e a seguir chegar a construir um novo conhecimento. Trata-se de um processo feito a partir da troca de experiências com a contribuição de diversos atores do **ELENCO SOCIAL** envolvido.

Podemos comparar o caminho percorrido a uma lâmpada, inicialmente apagada, e que é acesa pela energia dos participantes.



SÍNCRESE – A “Ideia”, no início da oficina. Cada participante tem a sua ideia sobre o que acontecerá e sobre o assunto a ser discutido: uma lâmpada.



ANÁLISE – “Trocando em Miúdos”. Durante a oficina todo o grupo participa de discussões e contribui com suas experiências e seus conhecimentos, para que a ideia inicial seja analisada: a lâmpada desmontada.



SÍNTESE – A troca de experiências permite a construção do novo conceito tornando a ideia inicial mais clara: a “lâmpada é remontada”. Nesse momento aparece acesa pela energia criativa e participante do grupo.





A RESEX-Tapajós/Arapiuns

A Aldeia de Muratuba é um dos pólos da RESEX Tapajós/Arapiuns, uma unidade de conservação de uso sustentável situada entre a margem esquerda do Rio Tapajós e a margem direita do Rio Arapiuns, numa área total de 647.610,74 ha, a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns abrange 74 comunidades localizadas nos municípios de Santarém e Aveiro.

Criada em 1998, a RESEX foi o resultado de anos de luta da população da região contra madeireiros que exploravam de forma predatória os seus abundantes recursos florestais. A partir daí, os moradores das regiões do Rio Arapiuns e Rio Tapajós se unificaram no objetivo de impedir o avanço das empresas madeireiras que exploravam os recursos naturais sem promover o desenvolvimento da região.

Surgiu então o Grupo de Trabalho da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns (GT RESEX), composto por ONGs, Associações Comunitárias e entidades de base. Em novembro de 1997, numa grande assembleia na Comunidade de Tucumatuba, por meio de um abaixo-assinado pelos moradores, foi solicitado ao IBAMA a criação da Reserva Extrativista.

Em seguida foi criada a Organização das Associações dos Moradores da Reserva, denominada associação TAPAJOARA, que reúne todas as organizações e associações da Reserva e representa legalmente, perante a sociedade e o governo, os interesses dos mais de 18 mil moradores da Resex.

Hoje a Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns é uma unidade de conservação utilizada por sua população na base do extrativismo, da agricultura familiar e da criação de animais de pequeno porte. A RESEX é gerida por um Conselho Deliberativo, constituído por representantes de órgãos públicos, de organizações da sociedade civil e das comunidades tradicionais residentes na área. Seu objetivo básico é proteger os meios de vida e a cultura dessas populações e assegurar o uso sustentável dos recursos naturais da unidade.



Qual a importância da RESEX para MURATUBA?

Sem dúvida, a criação da Resex foi uma das grandes bandeiras de luta que nós moradores das comunidades da margem esquerda do Rio Tapajós e da margem direita do Rio Arapiuns travamos juntamente com o STTR de Santarém nos anos noventa.

Em 1997, a luta pela permanência na terra foi mais intensa e progressiva, pois nesse ano, não somente Muratuba, mas as demais comunidades situadas à margem esquerda do rio Tapajós garantiram o seu direito em permanecer na sua terra de origem através da criação da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns.

Diante da necessidade de se organizar e lutar por dias melhores através de uma entidade legal, no dia 20 de dezembro de 2000 foi fundada a Associação de Moradores Agroextrativistas da Comunidade de Muratuba - ASMOCOM, tendo como primeiro presidente Geraldo do Carmo Castro.

Com a nossa organização retiramos as madeiras, empresas que estavam destruindo nosso ambiente, derrubando as espécies de madeiras que mais valiam, não deixando nada para as comunidades, a não ser os tocos e os galhos. A partir da

Criação da RESEX tivemos mais segurança da permanência na nossa terra. Tivemos uma concessão real de uso, que a partir de 2011, garante mais 50 anos pela frente, após esse período será renovado.

Conseguimos vários apoios, crédito habitação, crédito fomento e outros projetos específicos para as comunidades da RESEX. Trouxe uma calma para as nossas comunidades. Hoje não temos mais conflitos de terra, não sofremos mais ameaças como era comum antes da criação da RESEX.

Porém, juntamente com isso, veio um grande desafio para nós moradores: como as comunidades podem melhorar a gestão coletiva da RESEX? Como podemos aproveitar os recursos naturais existentes, como madeira, lagos, belas praias, para um projeto de desenvolvimento econômico e socioambiental que englobe todas as comunidades? Isso ainda continua sendo um desafio.





Localização

Formada por 84 famílias, a Aldeia de Muratuba está localizada na margem esquerda do Rio Tapajós, área da Reserva Extrativista Tapajós/Arapiuns, município de Santarém, Oeste do Pará, nas coordenadas 55°39'5,17" W e 2°40'1,22" S. Fica abaixo da comunidade de Vista Alegre e acima de Paricatuba.

Como meio de transporte para a sede de Santarém, são utilizados os Barco/Motores de linha regular. Eles geralmente percorrem várias comunidades acima do Rio Tapajós, até chegar em Muratuba. O valor da passagem é R\$ 25,00 nas embarcações de linha e R\$ 20,00 no Barco Comunitário. O barco Muratubinha, que pertence a uma associação da comunidade, realiza em média duas a três viagens por mês, transportando passageiros e a produção da agricultura local. As embarcações de

linha baixam o rio nos dias de domingo, quartas-feiras e quintas-feiras e sobem nas segundas e sextas-feiras. A viagem leva em média sete horas, tanto de baixada quanto de subida.

Ultimamente, com a chegada dos motores “rabetas”, muita coisa facilitou para os moradores. Os motores são adaptados para canoas maiores e é feita a travessia do Rio Tapajós até a outra margem (de 13 a 15 km), chegando-se à área da Floresta Nacional do Tapajós – FLONA - Município de Belterra. Lá, as comunidades são beneficiadas com estradas e ônibus de linhas que saem regularmente todas as madrugadas para Santarém passando por Belterra, e retornando geralmente ao meio-dia, facilitando muito o transporte, a economia do tempo e o valor, que se torna mais em conta.

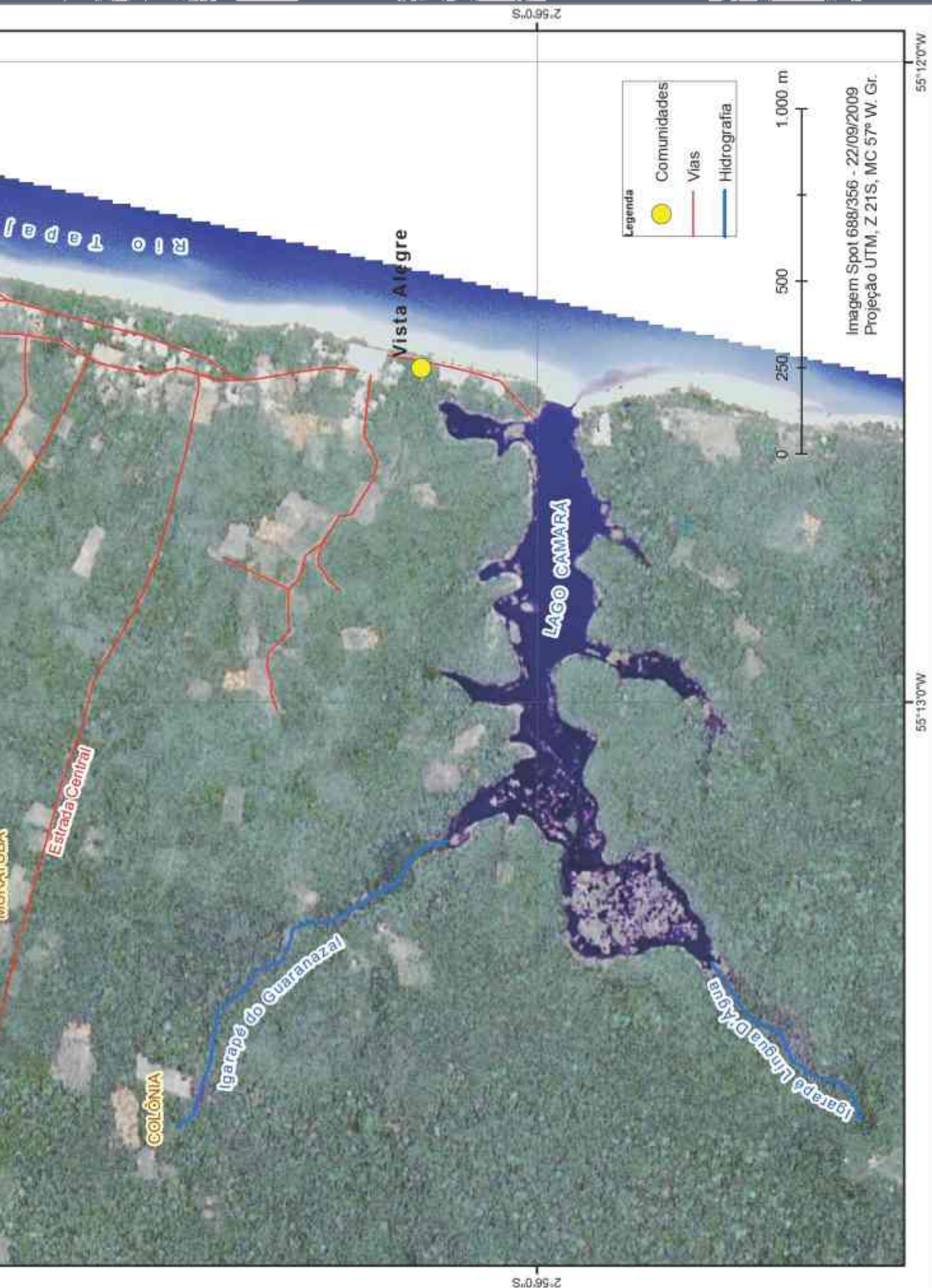


ALDEIA DE MURATUBA

RESEX TAPAJÓS - ARAPIUNGS







Um pouco de nossa história



Muratuba se originou a partir da existência de um lugar chamado Piraquara, que quer dizer Buraco de peixe. Segundo os moradores mais antigos, o lugar recebeu este nome por causa de um lago que até hoje ainda existe e que na época tinha muito peixe. Piraquara, no período de 1918, era habitado por três famílias: Serafim Araújo do Carmo, conhecido por Clarindo, Herculano Farias e Romualdo José de Castro.

Serafim e sua família construíram uma capelinha onde anos depois os festeiros denominados juizes, mordomos e procuradores organizavam a festa de Ramada para homenagear seu padroeiro, Santo Antônio, no dia 13 de junho. Com o passar dos anos as famílias foram se multiplicando e no ano de 1940, com cerca de 16 famílias, começaram também a povoar o lugar denominado Muratuba, nome este que significa mata fechada ou mata alta.

Em 1950, com a entrada dos padres franciscanos americanos no Tapajós, iniciou-se um novo período, e o primeiro padre a visitar a capelinha de Santo Antônio no Piraquara foi Frei Marcos, da Ordem dos Franciscanos Menor (OFM). Uma nova capela mais estruturada foi construída em 1952 por Frei Othmar e, de acordo com as famílias, houve a troca do padroeiro Santo Antônio por Santa Luzia. Nesta época foram proibidas as festas de Ramada pelos padres Franciscanos, que alegavam ser uma forma de idolatria.

No ano de 1953, Dom Floriano, da Prelazia de Santarém, visitou a capela já com a nova padroeira. A partir desse ano os padres iniciaram as aulas de catecismo com as crianças e adolescentes; também foram criados grupos de oração como Cruzada, que recebiam como símbolo uma fita amarela, Apostolado, com fita vermelha e os Filhos de Maria (Marianos), com fita azul.

Entre 1955 e 1960, a catequese rural passou a contar com a participação das mulheres. Elza do Carmo iniciou e se destacou no trabalho de catequista por meio da realização de Cursos de Boa Nova e Semanas Catequéticas. Já em 1962 surgiu a figura do Catequista popular na pessoa de Lourival Evangelista Braz e Antônio de Oliveira (popularmente conhecido pelo apelido Mucura).

EDUCAÇÃO

Por volta de 1940 chegou em Piraquara um comerciante de origem judaica chamado Isaac Abraão Pinto Azulay, popularmente conhecido por Isaac Pinto. Este montou um grande comércio e um estaleiro para fabricar canoas e também comprava a produção extrativa dos moradores. Isaac percebeu que ali havia inúmeras crianças que precisavam estudar, então combinou com as famílias que contrataria por sua conta uma professora, porém, os pais o pagariam no ato da venda de seus produtos. A primeira professora contratada chamava-se Raimunda Alvaredo.

De 1955 a 1960 foram surgindo as professoras de catecismo e que também davam aulas de Ensino Primário, elas eram pagas pela Prelazia de Santarém. Após vários anos, o pagamento das professoras foi transferido para a prefeitura do município de Santarém. Adalcina Gameiro conhecida, por Zizi Gameira, da Vila de Boim foi a primeira professora a ser remunerada pela prefeitura, seguida da professora Nilda Rodrigues Xavier.

Em 1965, com a criação do MEB (Movimento de Educação de Base), os moradores tiveram a felicidade de conseguir um receptor para alfabetização de adultos e para incentivar a organização comunitária. E, durante seis anos, Antônio de Oliveira exerceu trabalho voluntário como monitor. Diante do número de analfabetismo, o Movimento de Educação de Base – MEB esteve mais uma vez atuando na comunidade com o monitoramento de Maria Creuza Castro, em 1988.

Em 1987 foi construído o prédio escolar em alvenaria, com duas salas de aula para funcionamento da 1ª a 4ª séries, e uma secretaria. Em 1999 foi implantada a 5ª série. Nos três anos seguintes chegava ao Ensino Fundamental completo.

Após oito anos de luta por um espaço físico com capacidade para comportar o número de alunos, oriundos da própria comunidade e de comunidades vizinhas, no dia 10 de fevereiro de 2007 o novo prédio escolar foi entregue à comunidade.

Com o reconhecimento da comunidade como população indígena, a escola Santa Luzia tornou-se um polo indígena, anexando três escolas indígenas. De modo que, em 19 de março de 2009, foi implantado o Ensino Modular Indígena. Arildo Nogueira foi o primeiro professor do Ensino Médio indígena, e teve o privilégio de participar da aula inaugural na comunidade.

Em 17 de maio de 2011 a comunidade escolar deu um passo significativo na melhoria da educação: recebeu uma lancha para transportar os alunos do Ensino fundamental de comunidades vizinhas que estudam em Muratuba. A Escola de Muratuba serve como uma escola polo, pois recebe alunos de outras comunidades.

Atualmente, a Escola Municipal Santa Luzia comporta o ensino fundamental e o ensino médio. Assim estão distribuídos os alunos: de um total de 231 alunos, 159 estão no ensino Fundamental e 72, no ensino Médio.

Em 2012, seis alunos de Muratuba foram beneficiados dentro das cotas previstas para Indígenas e estão estudando na UFOPA – Universidade Federal do Oeste do Pará. Este número está sendo elevado para 15 alunos no ano de 2013.



ORGANIZAÇÃO COMUNITÁRIA

Entre os anos 60 a 64, muitos trabalhos foram realizados, inclusive a construção do campo de futebol, que favoreceu a fundação do primeiro clube esportivo, denominado Santa Luzia, tendo como presidente Pedro dos Anjos.

Foi durante os anos de 1965 e 1966 que se discutiu a mudança do Centro Comunitário de Piraquara para Muratuba, uma vez que as famílias precisavam atravessar dois lagos para chegar à capela e ao barracão onde funcionava a escola. Devido a essa e a outras situações, chegaram ao consenso em favor da mudança.

A partir dos anos 1967 a 1968, o centro comunitário começou a ser organizado em Muratuba, no local onde tinha sido um roçado de mandioca feito pelo senhor Roberto Rodrigues, que residia ali próximo. Desde então, Muratuba passou a ser o Centro da organização, com aproximadamente 20 famílias que habitavam a comunidade.

Após doze anos, já na década de 80, a forma de organização social foi mais intensa e tomou outro rumo com o surgimento dos movimentos populares. E, para garantir o fortalecimento da luta pela terra, foi fundada a Delegacia Sindical, com 42 associados, coordenada por José dos Anjos. A partir de 1982, foi organizada a revenda comunitária, a criação do grupo de Mães e do grupo de jovens Alegria da Juventude.

Já com esse nível de organização, tendo a frente o novo delegado sindical Tobias do Carmo, foi comprado um transporte comunitário em conjunto com a comunidade de Jauarituba, denominado B/M União. No mesmo ano foi fundado o Núcleo do Partido dos Trabalhadores - PT com 48 eleitores filiados.

Em 1988, elegemos Geraldo Pastana para Deputado Estadual pelo PT, este, indo à Belém indicou Muratuba ao POEMA, (Programa Pobreza e Meio Ambiente na Amazônia – ligado à Universidade Federal do Pará) para discussão e possível implantação do Projeto Piloto de Micro Sistema de Abastecimento de água potável na comunidade.

Em 1992 recebemos uma visita do POEMA acompanhada de Wille Rossi e Jorge. Na oportunidade, a comunidade se responsabilizou em assumir o compromisso de receber e levar em frente o projeto propositado.

Finalmente, o primeiro sistema de abastecimento de água da região foi construído e entregue à comunidade no ano de 1994. Um projeto que serviria de experiência para a implantação de outros sistemas de abastecimento de água,

No ano de 1990, mais um patrimônio foi conquistado, a construção da escadaria. Dez anos depois, o governo municipal com a contrapartida da comunidade, realizou um trabalho de proteção da escadaria.

Em 1996 mais uma vez com o empenho de Wille Rossi, Muratuba foi a comunidade pioneira na obtenção e usufruto do sistema de energia solar, composto por duas grandes placas solares. Também foram distribuídos 72 quites solares, sendo um quite para cada família contendo um painel solar, um rádio portátil e uma lâmpada solar.

Foi também em 1996 que iniciou a construção de uma nova sede comunitária com estrutura em alvenaria e que, devido à dificuldade financeira, a comunidade buscou o apoio do poder público (deputados estadual e federal) e do colaborador Wille Rossi. A obra foi concluída em dezembro de 1998, na coordenação de Rosinaldo Santos dos Anjos.

Diante da necessidade de se organizar e lutar por dias melhores através de uma entidade legal, no dia 20 de dezembro de 2000, foi fundada a Associação de Moradores Agroextrativistas da Comunidade de Muratuba - ASMOCOM, tendo como primeiro presidente Geraldo do Carmo Castro.

O Projeto Saúde e Alegria iniciou a sua atuação em Muratuba no ano de 1996. Desde então a equipe de Educomunicação do referido projeto passou a desenvolver atividades com o grupo de jovens JOBESP, que diante de sua organização demonstrada por meio da participação em oficinas, olimpíada e produção do jornal comunitário Arte Vida, foi construindo um trabalho de parceria, tendo como primeira conquista a doação do quite da rádio comunitária Raio de Sol, no dia 4 de dezembro de 2003.

Em 2005, a comunidade recebeu mais dois meios de comunicação importantíssimos, especificamente no dia 9 de julho, pela primeira vez, Muratuba também fazia parte do mundo virtual ao receber um computador notebook com possibilidade de acesso à internet. Ainda em 15 de julho, a empresa de telefonia Telemar implantou um telefone público na comunidade. Já em julho de 2008, com a construção do prédio do Telecentro a comunidade recebeu mais equipamentos de inclusão digital.

Com o nível organizativo que a comunidade sempre apresentou desde a década de 80, defensora de seus direitos, considerada exemplo de mobilização e organização para outras comunidades, incentivou e possibilitou assim, a formação de lideranças comunitárias. Diante desse referencial, em julho de 2008 Muratuba fez sua história na diretoria da Organização das Associações de Reserva Extrativista Tapa-jós/Arapiuns - TAPAJOARA, na pessoa do comunitário Rosinaldo Santos dos Anjos, eleito Presidente da comunidade.

Ainda em julho de 2009, a direção da Associação ASMOCOM, na pessoa de Fernando do Carmo Fernandes, presidente, e Agostinho Gabriel da Silva, vice-presidente, assumiu o compromisso de administrar a execução das obras do Programa Crédito Habitação; durante o período de 18 meses essa comissão teve o desafio de trabalhar para padronizar as 59 habitações na comunidade.

Foi em julho de 2010 que Muratuba entrou para a história do município de Santarém, com a homenagem de Honra ao mérito pela dedicação ao trabalho voluntário do comunitário Antonio de Oliveira (Mucura) nos movimentos sociais. Após várias décadas de luta pela organização do povo nas comunidades, Mucura foi reconhecido pelo governo municipal, que o agradeceu com a medalha Padre Felipe Bettendorf.

O inverno intenso e consequentemente a subida da água em 2009, causou o desabamento da escadaria, porto principal da comunidade; após um ano de espera pela recuperação da escadaria, em 11 de agosto de 2010, atendendo a solicitação de uma emenda parlamentar, o governo municipal iniciou a reconstrução da escadaria, com a conclusão da obra em maio de 2011.

Visando a localização das infraestruturas que estão cada vez mais próximas ao barranco, devido à ação dos fenômenos da natureza e também por não ter espaço suficiente para a ampliação da igreja de Santa Luzia, no início do ano de 2011 foi discutido e aprovado um novo espaço físico para a futura organização do novo centro comunitário. Desde então está sendo encaminhada a definição das dimensões, a delimitação da área e o pedido de autorização que será encaminhado à TAPAJOARA e ao ICMBIO.

MOVIMENTO INDÍGENA

O movimento indígena em Muratuba iniciou na virada do ano 1999, quando na ocasião, os comunitários foram convidados a participar de um evento na comunidade de Jauaritiba. Anos depois, pesquisas e estudos antropológicos foram realizados com a finalidade de identificar a etnia do nosso povo. Hoje, a comunidade de Muratuba é reconhecida como povo Tupinambá, optando pela mudança do nome da localidade para Aldeia de Muratuba.

Colaboraram para este resgate histórico os comunitários Antonio de Oliveira - 1918 a 1996 e Rosivethe Castro Fernandes - 1996 a 2011





A vida como ela é

A Aldeia de Muratuba é gerida pela Associação Comunitária ASMOCOM - Associação de Moradores Agroextrativista da Comunidade de Muratuba. Possui 111 associados. Alguns comunitários também são associados da Associação Intercomunitária AMPRAVAT, que tem sua abrangência das comunidades do Rio Amorim a Vista Alegre do Muratuba.

Em Muratuba funciona também uma delegacia sindical (50) associados. Uma tradição de envolvimento com o STTR - Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém.

Saúde:

Os comunitários de Muratuba dirigem-se para os hospitais de Santarém em caso de maior gravidade ou emergência. Quando há esta necessidade, fretam embarcação da própria comunidade ou da comunidade vizinha para fazer o transporte. Em outras ocasiões, solicitam o apoio no transporte da ambulância da Secretaria Municipal de Saúde de Santarém.

Quando os casos não são de emergência, os comunitários vão até as comunidades mais próximas onde há posto Médico, com atendimento feito por técnico em enfermagem. Porém, na maioria dos casos, o ACS - Agente Comunitário de Saúde é solicitado para auxiliar nos encaminhamentos.

Outro serviço de grande importância é o atendimento feito pela Unidade Móvel de Saúde Fluvial, o Navio ABARÉ, implantado pelo Projeto Saúde e Alegria em parceria com a Prefeitura de Santarém, pois presta atendimento com consultas médicas, exames laboratoriais, remédios, acompanhamento às grávidas, PCCU, serviços de odontologia e acompanhamento permanente aos hipertensos (10), diabéticos (02) e ao caso de hanseníase (01). Em relação às crianças, 99% delas são vacinadas.

Muitas pessoas ainda mantêm a tradição do uso de remédios caseiros, principalmente para problemas respiratórios. Há duas parteiras tradicionais, no entanto, raramente realizam partos. Na maioria das vezes, são orientadas para acompanhar a gestante durante a sua gravidez. Os partos de qualquer natureza são feitos nos hospitais de Santarém.

Várias famílias também procuram os auxílios de curandeiros, benzedores e puxadeiras. Nos casos mais graves, as pessoas são levadas para Surucua para serem atendidas por Seu Inácio, que é curandeiro. Também são levadas para a comunidade de Pajurá, no Rio Amorim, para o Seu Everaldo fazer os trabalhos.

Religião:

Das 84 famílias residentes em Muratuba, 80 frequentam a igreja Católica e outras 04 frequentam outras igrejas Evangélicas. Somente a Igreja Católica tem seu templo construído, onde a festividade da Padroeira Santa Luzia sempre é comemorada, na semana do dia 13 de dezembro. Sendo esta uma das festas mais tradicionais realizadas na comunidade.

Esporte:

Em Muratuba existem três clubes esportivos, Grêmio, São Raimundo e o mais novo, Barcelona. Todos com equipe masculina e feminina. Cada um desses times tem o seu próprio campo, que são os melhores campos esportivos da região do Tapajós.

Energia Elétrica:

A distribuição e a fonte de energia na Aldeia não é centralizada, pois não existe um único gerador que forneça energia para toda a comunidade. Existem blocos ou grupos familiares que possuem um motor e gerador para iluminar determinado número de residências e logradouros.

Atualmente funcionam em Muratuba onze grupos geradores que distribuem energia para 80% das famílias. O Grupo maior ou com maior número de residências atendidas encontra-se no centro da vila em torno do barracão comunitário e da escola. Todas as noites, durante 3 horas, há energia que abastece as residências. Cada família paga uma mensalidade para garantir a manutenção dos sistemas.



Abastecimento de Água:

Graças à parceria com o Sindicato dos Trabalhadores e Trabalhadoras Rurais de Santarém e apoio UFPA/Poema e Dep. Vile-Alemanha, a Aldeia de Muratuba foi uma das primeiras comunidades a ter água potável encanada nas residências. O Sistema de abastecimento é gerenciado e sustentado pela comunidade, que paga uma taxa para sua manutenção.

Economia

A comunidade de Muratuba, historicamente sempre foi uma comunidade que teve o seu forte na agricultura e no extrativismo familiar. Semanalmente, o Barco Comunitário deslocava-se da comunidade rumo à sede de Santarém, carregado de farinha de mandioca e seus derivados. Os produtos extrativistas também sempre tiveram grande produção, além das sementes, frutos, palhas, cascas, óleos e cipós, que são extraídos diretamente da mata. O leite da seringueira (látex) tinha uma grande produção, porém, com a queda do preço da borracha, a maioria dos seringueiros deixou de cortar as seringueiras para a extração do látex, chegando a uma redução de mais de 95%. Por mais que se tente atrair os seringueiros com algumas alternativas melhores de preços subsidiados, há pouco interesse dos comunitários em ter essa produção como uma das principais fontes de renda das famílias, como há décadas atrás.

Quanto à produção de farinha, também houve uma redução, pois, além dos preços terem baixado muito, a permissão para abertura de novos roçados para o plantio da mandioca inibiu as famílias produtoras de farinha.

Das 84 famílias hoje residentes em Muratuba, menos de 50% trabalha no cultivo da mandioca. A maioria dessas famílias produz para o consumo interno da comunidade e da própria família. Atualmente, é muito raro as famílias levarem sacas ou paneiros de farinha para serem comercializados em Santarém.

Uma porção importante das famílias tem a principal renda obtida nos programas Sociais de redistribuição de renda do Governo Federal. Os funcionários públicos de Muratuba são professores e agente comunitário de saúde, total de 21 pessoas.





Um pouco de Cultura

Festas Tradicionais Celebradas em Muratuba:

- 1- Dia 15 de março** – Aniversário da Escola Santa Luzia.
- 2- Dia 19 de abril** – Semana dos povos Indígenas.
- 3- Festas Juninas** – Apresentação do **Arraiá** da Luluzinha, com alunos da Escola.
- 4- 1º sábado de julho** – Festa do Grêmio Esporte Clube.
- 5- 1º sábado de agosto** – Festa do São Raimundo Esporte Clube.
- 6- Dia 15 de agosto** – Festa de Nossa Senhora das Graças.
- 7- 2ª semana de outubro** – Festival do Caju.
- 8- Semana do dia 13 de dezembro** – Festa da Padroeira de Muratuba, Santa Luzia.

Culturas e Tradições de Muratuba:

- **Cordão da Borboleta;**
- **Dança do Pássaro Rouxinol;**
- **Dança do Cacetinho.**
- **Dança Tupinambá.**

Todas essas danças fazem parte da criação e da cultura de Muratuba, com belas apresentações que envolvem todo o povo da comunidade. São eventos realizados principalmente pelos jovens e com grande incentivo da escola.



Lendas

O patauy-pataui

O Patauy ou Pataui é um mito de um ser encantado que morava nas cabeceiras de um igarapé na comunidade de Pinhel, que fica localizada dentro da área da Resex Tapajós/Arapiuns, no município de Aveiro-PA, na margem esquerda do Rio Tapajós. Esse igarapé existe até os dias de hoje, e sua cabeceira é cheia de bambuais, aninguais, caranazais e buritizais.

O Patauy é uma cobra preta que se transforma num rapaz moreno vestido todo branco, até o sapato, com chapéu de palha, e sempre acompanhado de um cachorro preto.

Pinhel tem em seu folclore uma festa a qual se dá o nome de festa do Gambá. O Gambá de Pinhel é sempre realizado no mês de junho, lá se dança todos os tipos de danças antigas. A duração da festa é de três dias e três noites, com muitas vanglorias, guloseimas, comidas e bebidas típicas da comunidade.

Antigamente quando celebravam a festa do Gambá é que o Patauy aparecia. O pessoal que estava na festa pensava que era um rapaz qualquer, ou algum viajante que estivesse de passagem por lá e tinha ficado para passar a festa do Gambá. O rapaz gostava de dançar com as meninas mais bonitas da festa. Quando passava a festa, depois de uma semana, a moça com que ele dançou adoecia e morria.

Em uma dessas celebrações, apareceu o Patauy. Alguém prestou atenção nessa figura e observou que era um rapaz diferente, e ficou de olho para ver qual menina ele escolheria para dançar. Passou-se uma semana e a menina moça com quem o rapaz elegante tinha dançado adoeceu. A pessoa que tinha observado foi visitar a menina que estava doente e contou para os pais que ele tinha visto o rapaz que dançou com ela durante a festa.

Seus pais convidaram um Pajé para ver qual a doença que a menina tinha. O Pajé veio e benzeu sobre a menina, depois disse para seus pais que só descobriria se ele fizesse uma pajelança. Quando foi a noite o Pajé fez a sessão, e os outros seres encantados que faziam parte do cordão se incorporaram na pessoa do Pajé e disseram que o rapaz com quem a menina moça tinha dançado durante a festa não era gente de verdade, e sim um ser encantado chamado Patauy. O Pajé disse para os pais da moça que ia mandar os seus sacacas, que faziam parte do seu cordão, para ter uma conversa com Patauy. Se caso o Patauy não quisesse obedecer, ele mandaria seus sacacas o matarem. Ele, com medo de ser morto obedeceu a proposta do Pajé e a menina moça ficou curada.

E o Patauy deixou de ir à festa do Gambá em Pinhel. No entanto, ele vive até os dias de hoje, viajando pelas estradas, caminhos, praias, principalmente tarde da noite. Se você vir uma pessoa diferente andando fora de hora, não fale com ela, pode ser o Patauy. Muito cuidado com o Patauy!



Glossário

PIRAQUARA: Buraco onde se esconde o peixe.

MURATUBA: Grande mata, mata Alta.

PANEIRO: Cesto construído com talas de Inajá; serve para transporte de farinha, peixe, frutas etc.

PATAUI: Pequena cobra preta. Mito temido com poderes mágicos.

PAJELANÇA: Ritual de cura executado pelos pajés e curandeiros.

SACACA: Casca de árvore utilizada como remédio para diabetes e emagrecimento.

FICHA TÉCNICA



ALEGRIA

EQUIPE

Tibério Alloggio / Magnólio de Oliveira /
Carlos Dombroski / Natanael Alves de
Souza / Catia Magalhães / Fabio Pena

PROJETO GRÁFICO E
DIREÇÃO DE ARTE
Fernanda Sarmento
Designer Assistente
Débora Alberti

DIAGRAMAÇÃO
Edinelson Nunes

FOTOS

Acervo PSA e fotógrafos colaboradores

IMPRESSÃO
Gráfica Brasil

TIRAGEM
500 Exemplares

COLABORARAM PARA ESTA CARTILHA

Agostinho Gabriel da Silva (Gote); Manuel Acelio Ferreira (Irara); José dos Anjos (Zé Nunito); Marilena Fernandes; Antonio (Gabriel Jurumim); Ana Patrícia; Adiana; Fagner Almeida do Carmo; Frank Almeida do Carmo (Preto Velho); Ronivaldo (Marango); Adriele; Valdenir do Carmo (Buê); Jéferson Santos Fernandes (Pastor); Jamerson Silva; Ana Lúcia; Inácio Loiola dos Santos (Pau D'arco); Luiz Gonzaga Fernandes (Lóia); Maria do Socorro Ferreira; Rosivete Castro Fernandes (Rosa); Rosinaldo Santos dos Anjos (Naldo); Fernando Carmo Fernandes (Ferro); Natanael Alves de Sousa (Negão).

